



Universidades Lusíada

Tavares, José Luís

Furtado, Gonçalo

A cidade à luz de si própria : hipótese indutiva para uma inteligibilidade da experiência da hiper-cidade

<http://hdl.handle.net/11067/5000>

Metadados

Data de Publicação

2004

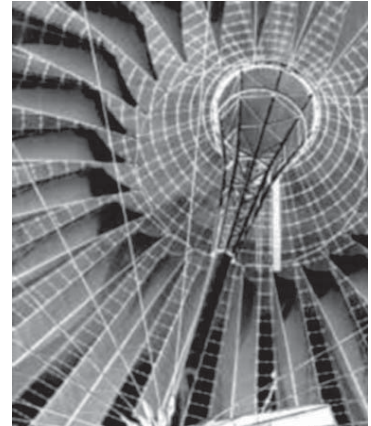
Resumo

No rescaldo de um jantar de sábado à noite, com a mundialização e o cosmopolitanismo a fazer de pano de fundo, vimo-nos deparados com o desafio de escrever sob o tema luz. Começamos conversas sem sabermos em que direcção seguimos, pelas ramificações múltiplas da teoria contemporânea, mais em busca de consensos intersubjectivos do que qualquer pseudoobjectividade. Na linha de Richard Rorty, desvalorizamos a distinção clássica de aparência e realidade, substituindo-a “pela distinção entre os meios...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T02:14:30Z com informação proveniente do Repositório



A CIDADE À LUZ DE SI PRÓPRIA: hipótese indutiva para uma inteligibilidade da experiência da hiper-cidade JOSÉ LUÍS TAVARES COM GONÇALO FURTADO Arquitectos / F.A.U.P

1 FUNDAÇÕES

No rescaldo de um jantar de sábado à noite, com a mundialização e o cosmopolitanismo a fazer de pano de fundo, vimo-nos deparados com o desafio de escrever sob o tema luz. Começamos conversas sem sabermos em que direcção seguimos, pelas ramificações múltiplas da teoria contemporânea, mais em busca de consensos intersubjectivos do que qualquer pseudo-objectividade. Na linha de Richard Rorty, desvalorizamos a distinção clássica de aparência e realidade, substituindo-a “pela distinção entre os meios de descrição do mundo que achamos úteis para certos propósitos e os meios que achamos úteis para outros propósitos”¹.

Sob o olhar da arquitectura, há uma inclinação natural, quase tendenciosa, às vezes a tocar o perverso, para remeter os temas, os assuntos, as decisões, para o espaço. Sem querermos, mas no entanto a fazê-lo, trouxemo-lo à baila: o espaço. Ora, e para fundamentar um pouco as coisas, é sabido que o espaço-tempo é o par de dimensões básicas para o suporte de qualquer acontecimento social, e que, portanto, o tempo se torna indispensável quando em causa está o espaço.² Ao transpormos isto para um elemento concreto, que nos ajude a pensar dentro de um campo mais realista e empírico, encaramos com a cidade: o mais complexo e completo campo espaço-tempo. “A expressão espacial da sociedade é a metrópole industrial moderna ou, ainda mais, a cidade mundial”³, e, assim, introduzimo-la neste texto como objecto de investigação: um gráfico pluridimensional que permite múltiplas leituras dos mais diversos parâmetros. Sobre ela, principalmente por ter deixado de ser uma situação pontual disseminada pelo planeta e ter passado a ser uma condição global⁴, prosseguiremos o texto. Abordaremos a luz, como

suporte espaço-tempo, mesmo que seja a luz na escuridão de Platão.

A cidade moderna contemporânea, palco maior onde a intensidade das actividades, conectividades e intercâmbios sociais é mais elevado em termos físicos e materiais, tem vivido um número de contínuas transformações e mudanças que a própria sociedade humana global tem vindo a sofrer, com particular incidência a partir de 1989, com a queda do muro de Berlin, e uns anos 90 charneira em termos de mudança de século e de era. Consequentemente, a discussão sobre a cidade pode ser facilmente remetida para a construção de ideias sobre a modernidade, enquanto processo ou enquanto condição, e vice-versa, dada a reflexividade inerente à força dicotómica presente entre os dois termos. Não nos perderemos com perspectivas e divagações sobre as condições e factores que fazem determinar este ponto de vista, e limitamo-nos, pois, a tomá-lo como um axioma que legitimará, pelo menos em parte, as especulações que poderão ser feitas. Seguindo este caminho, conscientemente, damos espaço tanto aos mais cépticos como aos mais dogmáticos em relação a novas teorias de formas de cidade. Frisamos, no entanto, que o que aqui escrevemos não é ficção científica. Também não será uma verdade-absoluta – cuja possibilidade, de resto, é ambígua. Defendemos apenas, de uma forma vincadamente subjectiva, e conscientes da eventual efemeridade, só mais uma possibilidade. Sem grandes objectivos universais. Afinal, somos produto da era em que vivemos.

2 A CAPACIDADE AUTO-GENERADORA DA CIDADE

Recentemente, no decorrer do processo de licenciamento de uma obra de recuperação de pequena escala num centro histórico do litoral norte de Portugal, ocorreu uma discussão, entre o corpo técnico camarário e a equipa responsável pelo projecto de arquitectura, sobre a representatividade cromática e o seu significado na paisagem urbana. A situação teve origem no cepticismo suscitado na entidade gestora desse território em relação à opção projectual do acabamento das fachadas existentes, de

construção tradicional do século XIX, ser de uma cor de inegável intensidade – todavia criticamente contextualizada, defendiam os projectistas. Estes, convictos das decisões tomadas, elaboraram uma breve investigação sobre o uso e o significado da cor no tecido urbano em causa, adicionando assim uma sustentação contextual, teórica e histórica ao desenho desenvolvido. Do discurso muito tecnicista, apenas fazemos sobressair um conjunto de fotografias de uma encosta completamente edificada, pedra feita idade, natureza feita cidade, onde por alguma razão, porventura maior, o olhar descobre, mais que edifícios, materiais ou cor, uma entidade nova, com características muito próprias, ainda que difíceis de identificar ou pelo menos de dizer. Interessamos focar uma observação que disto decorreu: a existência e permanência, a um nível do conjunto global, de significado destituído de uma intervenção humana consciente, planeada, premeditada, objectiva e racional, que a existência de um vasto mas certamente taxonomizável leque de cores e materiais, que resultam numa policromia de tons consensuais, ou consensualizados, permitiu. Este significado poderá ter diversas leituras, como a alma, a aura, a imagem, o carácter, até o *genius locci*, dependendo da subjectividade observadora. Algo, porém, que conseguimos identificar. Contudo, não é resultado de um objectivo: é algo de autónomo, auto-suficiente e auto-generado. É um elemento muito particular e específico, definitivamente dependente da acção humana, mas que ganha substância por si só, e como algo singular. É até o próprio homem, o único ente com a capacidade – privilegiada ou não – de isso observar, presenciar, viver ou habitar. Propomo-nos ver este fenómeno como a *capacidade auto-generadora da cidade*. E nos dias que correm, todo o globo é uma só grande cidade.

3 A CONDIÇÃO MODERNA

“A modernidade é, de certo modo, um projecto de libertação progressiva em relação aos diferentes tipos de coacções e de constrangimentos que limitam a experiência humana tradicional e, sendo esta experiência determinada pelos quadros do espaço

e do tempo, é em relação a estes quadros que o homem moderno pretende, antes de mais, libertar-se.⁷⁵

O processo de modernização, cujo início terá ficado perdido algures entre a reconsciencialização da razão, com o renascimento dos clássicos, e a sua apologia, com a revolução de 1789, apesar de ter emergido no denominado mundo ocidental, revelou-se de tal forma dinâmico e provido de uma aceleração tão exponencial, tendo como força motriz a evolução técnica, fundamental em todo o processo, que pode ser hoje visto mais como uma condição, estendida a todo o globo. Mesmo os mais cépticos quanto à real possibilidade da mundialização da modernidade, que minimizam a ideia de que a presença moderna é global e sustentam haver ainda extensas zonas do planeta que não sofrem influências da acção humana, vêem os seus argumentos diminuídos quando confrontados com os efeitos colaterais, e portanto não-programados, que aquela provocou. Tais efeitos revelam-se em campos como a saúde pública – o síndrome da imuno-deficiência adquirida, a recente crise da pneumonia atípica ou o descontrolo geral face à BSE⁶, por exemplo –, a demografia – o desenvolvimento do 4º mundo parece imparável! –, a guerra – todos os estados-nações se encontram hoje a braços com um *inimigo* comum que desconhecem e não compreendem por não se enquadrar nos parâmetros usuais de identificação, sendo a luta desprendida de um espaço geográfico e político determinado e antes estendida e dispersa por toda a superfície terrestre⁷ – ou o ambiente – as chuvas ácidas, as mudanças climáticas, a camada do ozono ou o sobreaquecimento do planeta são fenómenos cientificamente comprovados e irrefutáveis. Ulrich Beck introduziu o modelo da *curva boomerang* para caracterizar esta condição que, de resto, lhe permitiu reconhecer a *risk society*⁸ que teorizou. “Nos períodos pré-modernos, as classes sociais no poder podiam isolar-se e evitar riscos; com a modernidade esta condição transforma-se completamente. [...] [As] consequências incertas do risco retornam às suas fontes e afectam adversamente [não só] aqueles que o produziram”⁹ mas eventualmente toda a Terra.

Focamos este ponto de vista, essencialmente por duas razões relativas à percepção e uso do espaço. A primeira, mais material e empírica, por sustentarmos o facto de a modernidade ser urbanizante e de, por isso, o mundo que o homem habita tender

para uma situação de urbanidade geral.¹⁰ A segunda, por considerarmos que a modernidade, depois de uma primeira etapa em que abraçou e modificou o mundo, artificializando-o e criando inter-dependências e co-relações, actua e vira-se agora sobre si própria, reinventa-se, reflexivamente, face à sua própria imagem.

A artificialização do mundo, promovida pela modernidade, ganha intensidade e preponderância com o desenvolvimento extremo e crescente da técnica, em especial da telemática, cujo uso e tendência para a dependência tendem a aniquilar, ou pelo menos a subverter completamente, a experiência humana integrada no espaço e no tempo. Lançamos a ideia de vivermos agora uma modernidade radicalizada¹¹, mais acelerada que nunca, a actuar sobre as suas partes: uma modernidade em implosão. Convém frisar a essencialidade e inevitabilidade da consciência de uma auto-confrontação, não só da condição moderna mas também de todas as partes e instituições que a constituem e a fazem ser.

4 A HÍPER-CIDADE

Convidamos um número de pessoas, colegas, sentamo-los à nossa frente como que em ambiente de tribunal, e passamos a expor: as implicações e consequências do projecto moderno, a condição global, como se revela, em que termos, a confrontação da modernidade consigo própria. Posto isto, voltamos à cidade e justificamos a dispersão global e a densificação pontual do urbano. Advertimos para os efeitos secundários da centralização, com o crescimento imparável das cidades globais de Saskia Sassen, que Henri Lefévre identificou essencialmente com “o poder, a riqueza e a informação”¹², e da desmaterialização, com o desenvolvimento de um espaço paralelo ao espaço tradicional, que Manuel Castells referiu como o *space of flows*, opondo-o ao *space of places*, onde os acontecimentos sociais se dão instantaneamente tendo como suporte o mundo da telemática¹³. Dada a implicação da modernidade na urbanidade, questionamos, finalmente, a possibilidade de auto-confrontação do território

urbano, a possibilidade da cidade física e da vida cosmopolita. Era a este ponto que nos propunhamos chegar: pondo de lado a telemática e as possibilidades do digital, saber da possibilidade da cidade física se auto-confrontar, se re-inventar, e inquirir de que forma o homem, o cidadão, disso se poderá aperceber e até usar. Antes de lançarmos o desafio, desenhamos um modelo teórico, transpondo a hiper-realidade de Boaventura Sousa Santos¹⁴ para a cidade: deparamo-nos com a hiper-cidade.

Na verdade, a hiper-cidade estaria para lá de si própria, para lá da cidade conscientemente construída e sustentada pela mão humana: seria tão virtual como o *space of flows*. Apesar disso, interessa-nos reconhecê-la no *space of places*, ou seja, simultaneamente física, observável, tocável, percorrível, passível e susceptível de ser experienciada com todos os sentidos. Imaginamos, assim, haver nela espaço para o próprio plano sensual, por supormos ter a capacidade de envolver o corpo humano no seu todo, ao invés do mundo digital onde a condição virtual remeterá apenas para o domínio da mente, onde a realidade não é mais do que uma indução de sinais eléctricos provocando estímulos cerebrais. Entramos, então, também, na dimensão simbólica da cidade, em constante mutação, gerada pela acção concreta dos cidadãos em confronto com a própria realidade urbana. Sugerimos, pois, a leitura da cidade como um “ambiente de interacção”¹⁵ onde co-existem uma multiplicidade de factores, impossíveis de ser reduzidos ao “contexto material e espacial da acção”¹⁶ e, portanto, englobando fenómenos de significação.

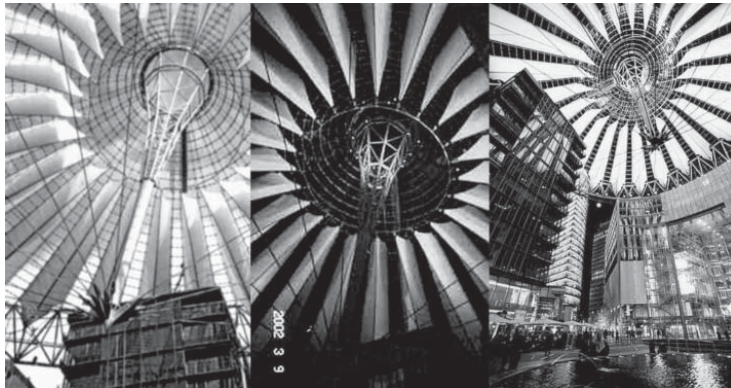
Nesta altura, parece-nos óbvio voltar a focar a capacidade auto-generadora da cidade. O conceito, conforme o abordamos, não remete, necessariamente, para uma situação exclusivamente contemporânea. No entanto, a capacidade autónoma de significação que identificámos no conjunto de fotografias atrás referido, em muito se poderia relacionar com a hipótese da cidade em auto-confrontação, reinventando-se, dando uma nova imagem de si: a cidade à luz de si própria. Assim, na sombra das palavras de Walter Benjamin, lançamos o repto: mais importante do que conhecer a cidade é “saber perder-se nela, sobreviver na ausência de guias, sem orientações ou trajectos pré-estabelecidos”¹⁷! Tragam exemplos, casos, queremos saber se existem, se é possível

reconhecê-los, vê-los! E, satisfeitos, ainda que sem certezas quanto à relevância da estrutura racional que montáramos, pusemos os nossos interlocutores a pensar.

5 DA LUZ

Em ambiente idílico de *brainstorming*, deparamos com o elemento luz, de uma forma ou outra, como factor comum nos casos apontados pelos nossos colegas. Apesar de não prevista, pareceu-nos óbvia a situação, uma vez que a luz pode ser entendida como um dos suportes fundamentais a viabilizar a dupla espaço-tempo na cidade. Na verdade, seria impossível conceber a cidade sem o elemento luz: ela é o meio que permite a percepção do espaço e, logo, inevitavelmente, a noção do tempo.

Com a própria evolução civilizacional, o homem temeu, sacralizou, aprendeu e apreendeu a luz através de etapas sucessivas. O sol e o fogo, os elementos naturais sob cuja forma a luz se apresenta ao homem no seu *habitat*, foram reproduzidos e reinventados, desde situações mais empíricas ou pragmáticas, como as utilizadas para aquecer, iluminar ou cozinhar, até outras mais racionalistas ou metafísicas, como as que se constituem na técnica, nas ciências, na filosofia ou na religião. O elemento luz começou por pertencer ao domínio do natural e incontrolável, para hoje, e cada vez mais, se ter trasladado para o artificial e o incontornável. Por se tratar duma entidade ou substância tão abstracta, foi a abordagem científica, objectiva e racional, a prevalecer sobre as várias outras tentativas, no que diz respeito a interpretá-la e a esclarecê-la no mundo humano. Para lá dos estudos catóptricos de Newton, a história estabelece conceitos e teorias que remetem para a velocidade, reconhecendo a relatividade, embebendo definitivamente a luz como suporte fulcral do espaço-tempo cósmico. Finalmente, com a telemática, foram estendidos os seus usos à criação de novos espaços, a viagens, à comunicação, à simulação de novas realidades e identidades, à criação de símbolos e simulacros. As funções primordiais da luz para o homem são hoje inerentes à sua própria



01_EMN-1_potsdammerplatz sony center_berlin

existência¹⁸, tendo sido, por isso, ultrapassadas por todas as possibilidades que a sua artificialização permitiu.

A luz que focamos diverge da do modernismo positivista e progressista de que Charles-Édouard Jeanneret fez a apologia com a definição d' 'o jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz', e que gerações de arquitectos foram, mesmo que inconscientemente, assumindo como primordial nas suas intervenções e modos de ver arquitectura e de serem arquitectos – a componente plástica da arquitectura, decorrente da tradição das belas-artes. Centramos antes o discurso na luz artificial, gerada e introduzida pela mão humana nos palcos sociais, com objectivos definidos e programados.

Defendemos que, da mesma forma que as rédeas da condição moderna terão escapado ao controlo da humanidade – o século XX foi, nesse aspecto, anunciador desta possibilidade, e, reflexivamente, seu promotor –, também o elemento luz artificial, como parcela fundamental da cidade, cujo uso remeteu durante imenso tempo para fins estritamente funcionais, se foi desenvolvendo para outros campos, como o da decoração, o da manipulação, o da intervenção ou o da interactividade, acabando eventualmente por – é esta a nossa tese – ter desenvolvido uma capacidade autónoma não só de significação e simbolismo, mas também, e conseqüentemente, de modificação dos espaços sociais, já que “a cidade [...] não é apenas uma forma específica de organização social [e espacial] no território, mas também um conjunto de símbolos, estratificados no curso da história”¹⁹. Admitindo esta proposição, levantamos o pano para uma inteligibilidade da hiper-cidade, quer no domínio do sensual, quer no domínio do simbólico, e confirmamos a hipótese da capacidade de auto-confrontação, e re-invenção, da cidade contemporânea.

6 NA CIDADE CATÓPTRICA

A cidade é um sistema auto-organizado, com componentes, características e capacidades semelhantes à de um ecossistema e, contudo, é um produto artificial, resultante da vontade e da acção humana, mas onde predomina um funcionamento naturalizado



02_EMN-2_red light district_amsterdam

entre as instituições e indivíduos que a integram. A artista Alicia Framis, com o seu 'Elevator in the forest', formulou a questão "What is 'real nature' for people nowadays?"²⁰, lançando a ideia de que o maquinismo da urbanidade será uma metáfora biológica da produção humana. Ao controlar a luz, o seu uso e incidência, o homem permitiu que a cidade se desvinculasse das pré-definições naturais e passasse a ter 24 horas: a cidade passa a sê-lo sistematicamente. Foi, na realidade, esta expansão do espaço-tempo que permitiu ao cidadão a fruição completa e a tempo-inteiro do território urbano, uma vez que é a luz que materializa o que existe.

Assim, a luz artificial é hoje inerente à cidade, a sua presença identifica o material urbano. Podemos afirmar, e eventualmente sob um redundante ponto de vista platónico, que a cidade verdadeira não seria possível sem luz. Dividimos os casos apresentados e debatidos no nosso grupo de discussão, em que pode ler-se essa capacidade auto-generadora da cidade, em duas classes, que permitem, afinal, delinear o modo como progride a experiência humana com a hiper-cidade. Frisamos o facto de, da primeira para a segunda classe, se dar um gradual crescimento da importância da luz, desde o campo da inerência até ao da eminência. Apresentamos também uma outra, à parte, de casos *in-extremis*, cuja experiência remete para o carácter errático da modernidade, aquele que os iluministas nunca desenharam, mas que "as premonições de Kierkegaard ou Nietzsche"²¹ anunciaram: o lado obscuro da modernidade²².

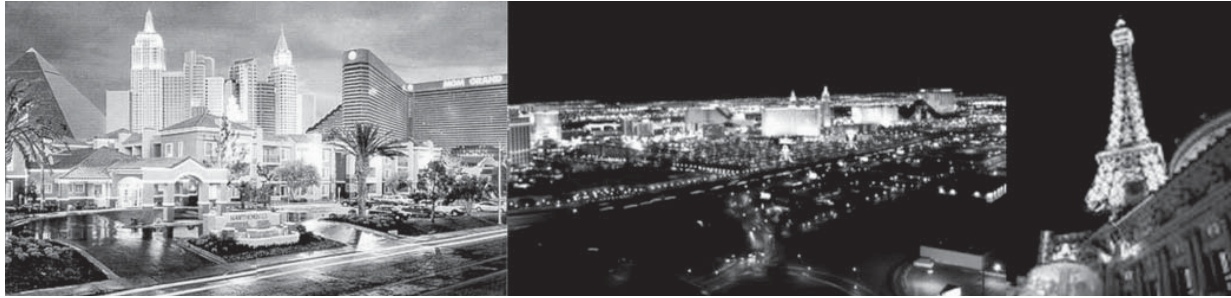
A primeira classe engloba casos em que a luz se emancipa face à função que lhe terá sido incumbida. Apesar de decorrerem da acção humana, o significado urbano do acontecimento, exactamente como referimos atrás, é destituído de uma premeditação ou planeamento, sendo por isso como que um efeito-colateral da consecução de objectivos diversos. Os casos catalogados nesta classe não são necessária e absolutamente nossos contemporâneos, sendo, no entanto, inevitável e definitivamente modernos. Todavia, a leitura que deles fazemos é contemporânea, assumindo a condição moderna como um 'facto consumado'. Denominamo-la, assim, como *experiência moderna naturalizada* (EMN).



03_EMN-3_refinaria petrogal_leça da palmeira

CASO EMN-1: O Sony Center, na novíssima Potsdamerplatz, Berlin, é uma intervenção recente que promoveu a instituição de um espaço público que humanizasse as baterias de mono-funcionais e extensas superfícies de escritórios. Conceptual e funcionalmente, é uma intervenção pouco inovadora, a jogar pelo institucional e corporativo a favor da segurança e da eficácia. No entanto, o uso do plano de vidro para fabricar espaço, permite que a luz, a cor, a transparência e a exploração da indefinição visual em dicotomias como público-privado, aberto-fechado, exterior-interior, natural-artificial, gerem, automática e autonomamente, uma identidade em constante dinâmica e apelativa à permanência e deambulação hedonista dos cidadãos. Assim, o *business centre* transforma-se simultaneamente num espaço de lazer, sem que, na verdade, necessite de envolver qualquer tipo de programa que o produza ou fundamente. A cidade auto-genera locais de práticas sociais alternativas àquelas que são programadas.

CASO EMN-2: A zona mais antiga do centro urbano de Amsterdam desenvolveu-se, nas últimas décadas do século passado, como um autêntico *theme park*, um centro de lazer, com bares, restaurantes, galerias, hotéis, casas de jogo e lojas de sexo. A unidade de negócio que mais identifica a zona é, no entanto, a prostituição. A sua relevância em termos urbanísticos deve-se a um elemento arquitectónico que foi instituído com objectivos muito pragmáticos e definidos: um espaço de reduzida superfície, a suficiente para uma cama, uma cadeira, um lavatório e pouco mais, iluminado por uma luz intensa e vermelha. Este espaço encontra-se, à semelhança, de resto, do que é tradicional nos espaços privados holandeses, aberto com uma superfície de vidro para a cidade, só que emanando uma tonalidade vermelha que invade a rua e o espaço que a confronta. O desenvolvimento crescente deste tipo de negócio introduziu à paisagem urbana, sem no entanto ter havido qualquer tipo de planeamento, uma mutação nos seus elementos básicos, dando-lhe um carisma muito específico e particular. A intervenção humana, mais uma vez, sem o objectivo concreto de alterar o ambiente urbano, permitiu que a cidade se re-inventasse, fazendo surgir o parafernália cosmopolita e decadente Red Light District.



04_EMN-4_urban landscape_las vegas

CASO EMN-3: Com o crepúsculo, o extenso e complexo corpo da refinaria da Petrogal, em Leça da Palmeira, vê-se camuflado de infinitos pontos de luz, de diferentes tonalidades e intensidades, dispostos numa matriz entrópica tridimensional. A orgânica e multiforme infra-estrutura industrial, continuando a impor uma distância constante aos indivíduos que percorrem as estradas que a rodeiam, transforma-se num sincrético aglomerado urbano, denso e intrigante: faz-se cidade, efectivamente²³ – e revoluciona, cada dia, a paisagem urbana local.

CASO EMN-4: O *neon* foi introduzido em Las Vegas como um elemento decorativo e informativo capaz de promover as diversas actividades económicas de teor hedonista da cidade. O desenvolvimento destas actividades fez com que o *neon*, de início sempre adicionado aos edifícios, mais tarde como parcela fundamental das estruturas-base, fosse peça fundamental da identidade urbana do conjunto. A cidade física, pelas características que lhe foram impostas, auto-regenerou o próprio campo simbólico, muito específico, singular e autêntico, que caracteriza a Las Vegas que, efectivamente, conhecemos.

CASO EMN-5: L.A., nos últimos anos, tem sido continuamente apontada, pelos mais diversos autores, desde o domínio da urbanística ao da sociologia, do da antropologia ao da economia, como o paradigma da cidade contemporânea. Interessa-nos apenas focar a extensão, dispersão e diversidade do seu ambiente construído, constituído de volumes das mais variadas dimensões e proporções. Cada noite, toda a aparência da cidade, observada das colinas que a rodeiam e pontuam, se altera autonomamente, para um negativo de si própria. Os volumes passam a ser vazios e toda a extensão da cidade é coberta por uma verdadeira rede de luz quente artificial, onde podem ler-se os eixos e vias de tráfego, mas também uma Los Angeles com uma identidade completamente transformada e nova.

À segunda classe, decorrente e justificada pela perspectiva que apresentámos de vivermos hoje uma modernidade radicalizada, mas também pelos reflexos na urbanidade geral, chamamos *experiência moderna radicalizada* (EMR). Esta inclui casos em que o homem, porventura apercebendo-se da forma como a modernidade actua hoje sobre as práticas e instituições sociais, e



05_EMN-5_city of lights_los angeles

reflexivamente sobre a cidade, intervém, consciente da possibilidade duma nova lógica espacial, transmitindo, racional e premeditadamente, à cidade, uma capacidade auto-generadora. A autonomia de reacção e significação mantém-se, no entanto, já que é o próprio homem a dar espaço à cidade para que se re-invente, dinâmica, face a diferentes parâmetros, acontecimentos ou tendências. Assim, os casos inseridos nesta classe mantêm-se, no âmbito em que os analisamos, como situações automáticas e não despoletadas. A possibilidade de se gerar um novo significado é consciente. Todavia, a eventualidade do peso simbólico mantém-se na forma como a cidade – ou o cidadão – reagirá às novas situações que enfrenta.

CASO EMR-1: Numa das composições do metro de Seul, o artista Myoung Kim Zem implementou, a abrir o século XXI, uma multiplicidade de ambientes, de carruagem para carruagem, alcançada por mutações introduzidas nos sistemas de iluminação, que resultavam em atmosferas de diversidade cromática e de diferentes níveis de luminosidade. Desta forma, por decisão e intervenção humana premeditada, o uso desta série de espaços em deambulação pela malha urbana foi distorcido, oferecendo-se aleatoriamente aos milhares de utentes anónimos diários²⁴ como uma experiência alterada da cidade tal como a conhecem.

CASO EMR-2: O Expomedia Light Cube, da dupla Kramm & Strigl, é um objecto compacto, cúbico e neutro, com uma aparência a jogar com a translucidez, a imaterialidade e a indefinição. Com a noite, o edifício dissolve-se na cidade, mantendo-se apenas sobre o horizonte uma matriz de tubos de LEDs, que proporcionam um espectro de cores RGB, formando a imagem abstracta do cubo, cujo desenho é programado por um sistema informático controlado pela mão humana que dirige o centro de exposições. A aparência varia, como se com vida própria, dentro de parâmetros de uma geometria euclidiana em função do conteúdo que é exposto, transmitindo assim actividades e informação baseados num sistema complexo de fractais, e oferece a Saarbrücken uma conjectura dinâmica da paisagem urbana, com um simbolismo e identidade sempre novos.

CASO EMR-3: A intervenção dos West 8, na vida e paisagem do moderno e futurista centro de Rotterdam, oferece tanto de subtileza como de poder ao cidadão. Um plano horizontal de umas centenas de metros quadrados, elevado um par de palmos

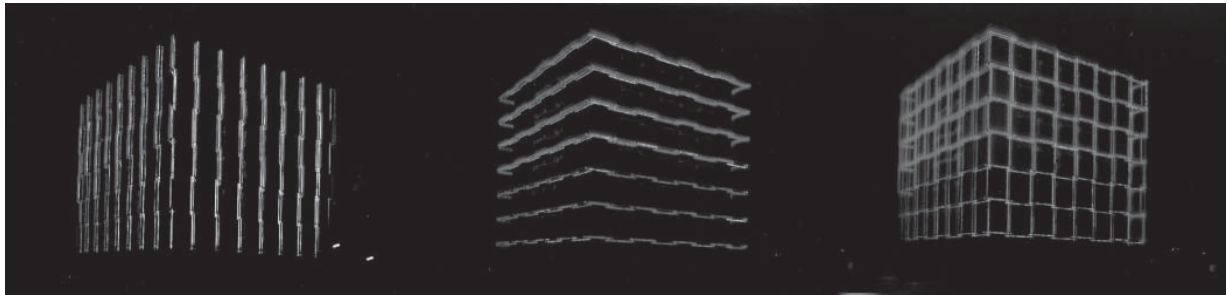


06_EMR-1_metro art experience_seoul

acima do terreno urbano, proporciona uma multiplicidade de usos e percepções. Diferentes tipos de pavimento, bem como uma dispersão e diversidade de equipamentos urbanos, fazem despoletar a criatividade dos indivíduos, face a um pedaço de cidade que se dá para ser descoberta e re-inventada. É com os quatro braços móveis gigantes, com um holofote na extremidade – no fundo, sofisticados postes de iluminação –, que esta situação se revela mais evidente, nomeadamente por estes poderem ser reguláveis em *real-time* por cada transeunte. O projectista impôs à cidade um espaço público de função e aparência mutáveis e, portanto, indeterminadas, capazes de modificar a paisagem urbana conforme a vontade individual, pondo nas mãos do cidadão acidental a possibilidade de uma novíssima Schouwburgplein na cidade portuária.

CASO EMR-4: A 'D-tower', desenvolvida pelos NOX e presentemente a ser implementada, é um sistema composto por três partes interactivamente relacionadas: uma estrutura de geometria complexa de 12 metros de altura – sobre-elevada do pavimento urbano –, um *website* – acessível a todos – e um questionário *on-line* – a que milhares de cidadãos de Doetinchem têm que responder com uma determinada frequência. O questionário tem como objectivo medir, estatisticamente, emoções diárias dos cidadãos, como ódio, amor, felicidade ou medo. Com o tempo, o questionário é refinado e os resultados, ganhando precisão e definição, são expostos no *website* nos gráficos 'Emotion Landscapes'. Cada emoção é traduzida numa cor que, dinamicamente, vai sendo transposta para a pele de fibra *epoxi* da referida estrutura, cujos valores cromáticos se alteram através de um sistema de injeção de luminosidade, ou seja, a cor da D-tower varia conforme a emoção mais intensa do quotidiano da cidade. Assim, o valor cromático da torre determina, consequentemente, a aparência do espaço público, repleta de simbolismo e significado estreitamente relacionados com os cidadãos, ainda que estes não tenham um controlo directo imediato sobre o seu estado. A cidade auto-confronta-se, de uma forma muito empírica, e o domínio do intensivo – emoções, qualidades – e o do extensivo – espaço, quantidades – começam a trocar papéis e a re-inventarem, reflexiva e continuamente, a identidade urbana.

CASO EMR-5: A 'Tower of winds' é um cilindro de aparência mutável, consequência da incidência e características de factores



07_EMR-2_expomedia light cube_saarbrucken

naturais – o clima, o vento. Assim, autonomamente, ainda que planeado pela intervenção de Toyo Ito, um corpo da cidade transmite informação aos transeuntes ao adoptar novas aparências e identidades, ou seja, o domínio do simbólico é constantemente alterado nas ruas de Yokohama onde a presença da torre é um facto consumado ainda que em constante devir. Concluimos a lista de casos com a ideia de que é possível ver a acção do homem, como actor social que não só vive mas também produz a cidade, não só como um elemento gerador mas também como o próprio alimento do espaço-tempo e, consequentemente, da condição urbana contemporânea, nos termos em que a apresentámos. Todo este sistema se encontrará em movimento há alguns séculos. No entanto, dever-se-á considerar o conceito de implosão a pré-definir a possibilidade das ocorrências sociais nos nossos dias, o que permite justificar que o desenvolvimento e progressão do urbano no globo não só se dá com objectivos específicos e pragmáticos de sustentação infra-estrutural, mas também actuando, de forma autónoma ou feita autónoma, sobre si próprio, re-inventando significados dentro, ou até para lá, dos significados originais. Desta forma, podemos assumir que a híper-cidade se faz cidade e vice-versa, com as características de cada uma actuando reciprocamente sobre a outra.

O que supomos ser inovador nesta construção teórica, e que, por isso, procuramos transmitir nesta abordagem, é o facto de que não remetemos a identificação e tomada de consciência dos casos analisados para o cidadão: ao contrário da tese de Alfredo Mela, a conotação simbólica destas parcelas, entidades ou acontecimentos urbanos não é gerada pela intervenção



08_EMR-3_schouwburgplein_rotterdam

concreta do homem²⁵, mas é antes a cidade, autonomamente, reflexivamente, a regenerar-se, a determinar-se, no domínio do simbólico e da significação, assumindo novas formas passíveis, aí sim, de serem captadas gnoseologicamente captadas e vividas pelo cidadão. O “próprio indivíduo não é entendido como puro espírito dedicado à protecção da acção, mas é acima de tudo um corpo que se move no espaço e tem consciência de si próprio e do ambiente que o circunda”²⁶, permitindo ao ambiente urbano a capacidade de se re-inventar continuamente, perante parâmetros sempre em devir. Ou seja, a cidade auto-confronta-se com a ajuda essencial de um dos seus componentes fundamentais: o cidadão do século XXI, porventura a “pessoa instruída”²⁷ de Peter Drucker, ocidentalizada, ainda que progressivamente tribalizada, enfrentando as novas exigências, desafios e responsabilidades da sociedade pós-tradicional.²⁸

7 RELATIVIDADE E INCERTEZA

Como vimos, sustentamos, segundo a perspectiva de Anthony Giddens²⁹, que vivemos ainda, na contemporaneidade, a modernidade, regida contudo por uma força de introspecção e de re-invenção. O intenso desenvolvimento do digital possibilitou à nossa época uma nova confiança no progresso, que a narrativa pós-moderna dos finais dos anos 70 e dos anos 80 tanto tinha descreditado. Parece haver, no entanto, uma consciência mais ou menos generalizada das implicações do projecto moderno. É exactamente Giddens que sugere a imagem do *carro de jagrená*³⁰ para simbolizar esta modernidade: “um engenho descontrolado de enorme potência que, colectivamente, enquanto seres humanos, podemos conduzir até certo ponto, mas que também ameaça fugir ao nosso controlo e despedaçar-nos. [...] [E]smaga aqueles que tentem resistir-lhe, e embora algumas vezes pareça seguir um caminho estável, há ocasiões em que muda erraticamente de rumo em direcções que não podemos prever. A viagem não é de forma nenhuma totalmente desagrável ou falha de compensações; ela pode ser muitas vezes divertida e impregnada de uma antecipação esperançosa.”³¹



09_EMR-4_d-tower_doetinchem

Com a história moderna, a luz possibilitou a racionalização da percepção da realidade com a perspectiva renascentista, sustentou a pintura de Johannes Vermeer no século XVII, iluminou a Europa Central no *settecento*, foi feita lâmpada por Thomas Edison em 1879, sai-nos hoje pelos *ecrans* todos da cidade cheia de informação e simulacros, oferecendo um desdobramento intenso das possibilidades do real.

Foi, no entanto, também sob a mais intensa e extensa luz artificial que aconteceu Hiroshima, mais mortal, corrosiva e perversa do que qualquer outro acontecimento na história, transformando também a cidade em ausência e nulidade, forçando-a a confrontar a modernidade e re-inventando a condição urbana, à luz da possibilidade extrema da escuridão absoluta, da mortandade. (CASO EMD-1) Estamos aqui perante, e finalmente, a terceira classe dos casos apresentados, que engloba situações cujos resultados práticos são adversos a qualquer fundamento legitimante da positividade do projecto moderno, mas que são inegavelmente sua consequência, demonstrando assim o carácter errático da modernidade desenhado por Giddens. Denominamo-la, portanto, de *experiência moderna distorcida* (EMD). Um exemplo mais recente é o do apagão que assolou e (literalmente) assombrou toda a actividade urbana da costa oeste dos USA, de Boston a Washington D.C., passando por New Haven, New York City, Philadelphia e Baltimore³², paralisando e subvertendo toda a ordem social, que, ainda que ultrapassado e com consequências muito menos impressionantes que as do Little Boy, mais uma vez permitiu ao homem a consciência do risco que é confiar e depender nas e das estruturas modernas. (CASO EMD-2)

Em tom de remate, transcrevemos, com um pouco mais de poesia, a exposição que o nosso colega fez deste derradeiro caso: A cidade, sem luz, esse elemento que tem tanto de invisível como de mundividente, re-inventou-se completamente, qual 'Waterworld', qual 'Matrix', qual '1984', qual 'Admirável mundo novo', qual caverna de Platão. A cidade, na sua totalidade, viu-se forçada a um auto-confronto, intersubjectivo. Passou para lá de si própria. Porventura, deixou de o ser. Ou terá, simplesmente, passado a sê-lo muito muito mais intensamente.



10_EMR-5_tower of winds_yokohama

NOTAS

¹ RORTY, Richard (1991). 'Pragmatismo' (1991), 265.

² Do ponto de vista social, inerente à condição humana, a percepção e o uso do espaço só se torna uma hipótese viável quando se introduz esta quarta dimensão: o tempo. Sobre este tema, sugerimos 'The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change' (1990), de David Harvey.

³ MELA, Alfredo (1996). 'A sociologia das cidades' (1999), 30.

⁴ O fenómeno usualmente identificado como globalização ou mundialização é uma conjunção de forças antagónicas e complementares: a globalização e a localização. A *grosso modo*, a primeira acarreta as tendências da expansão, da compressão e da homogeneização das práticas sociais, enquanto a segunda induz à concentração, à distensão e à heterogeneização das mesmas. O peso dado por diferentes autores a cada uma destas forças leva a diversas denominações para uma mesma situação: por exemplo, a cidade global de Saskia Sassen ou a aldeia global de Marshall McLuhan. Para aprofundar o tema, sugerimos 'Globalização' (1999), de Malcolm Waters, e 'Living the global city – globalization as local process' (1997), editado por John Eade.

⁵ RODRIGUES, Adriano Duarte (2000). 'Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência' (), 1.

⁶ Bovine spongiform encephalopathy – encefalopatia espongiforme bovina.

⁷ A reacção de alguns países em territórios definidos pelo mapa político moderno, talvez por se dar de acordo com os cânones de guerra modernos *tradicionalizados*, parece não surtir resultados suficientemente eficientes.

⁸ Sugerimos 'Risk society – towards a new modernity' (1992) e 'The reinvention of politics: towards a theory of reflexive modernization' (1994), de Ulrich Beck.

⁹ TAVARES, José Luís (1999). '[uma perspectiva d]a contemporaneidade' (1999), 19.

¹⁰ Já nos anos 60 do século passado, vários autores americanos sugeriram a mundialização da condição urbana, ao identificarem o *continuum urbano-rural*:



11_EMD-1_big light_hiroshima

"uma variedade de formas de disposição populacional situada ao longo de uma linha ideal que vai da aldeia rural à grande metrópole, mas de tal modo que os traços culturais *urbanos* e *rurais* se encontram sempre mesclados indissoluvelmente, ainda que em diferentes dosagens." – MELA, Alfredo. 'A sociologia das cidades' (1999), 31. Sobre a característica urbanizante da modernidade, sugerimos 'The generic city' (1994) e 'What ever happened to urbanism?' (1994), de Rem Koolhaas, e 'Urban economies and fading distances' (1998), de Saskia Sassen.

¹¹ Cf. GIDDENS, Anthony (1990). 'As consequências da modernidade' (1998), 106.

¹² FERNANDES, António Teixeira (1999). 'Para uma sociologia da cultura' (1999), 99.

¹³ Cf. CASTELLS, Manuel (). 'Globalization, flows and identity: the new challenges of design' (1996), 198-205.

¹⁴ Cf. SANTOS, Boaventura Sousa (1994). 'Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade' (1994), 20.

¹⁵ MELA, Alfredo (1996). 'A sociologia das cidades' (1999), 209.

¹⁶ Idem, 209.

¹⁷ FORTUNA, Carlos (1999). 'Identidades, percursos, paisagens culturais' (1999), 27. Cf. BENJAMIN, Walter (1938). 'Infância em Berlim por volta de 1900' (1992), 109-197.

¹⁸ Na verdade, na sociedade contemporânea, já não se põem as questões do aquecer, do cozinhar ou do iluminar, por se considerarem intrínsecas à própria vida, como necessidades biológicas inerentes à própria definição de existir, semelhante ao que acontece com habitar, vestir, alimentar ou dormir.

¹⁹ MELA, Alfredo (1996). 'A sociologia das cidades' (1999), 144.

²⁰ 'Elevator in the forest', 2002-2003. Obra de Alicia Framis encomendada pela Fundação NMAC Montemedio, Cadiz. Visitar <http://www.the-artists.org> e <http://artimo.net/loneliness/>

²¹ STEINER, George (). 'No castelo do Barba Azul – algumas notas para a redefinição da cultura' (1992), 85.

²² Falamos aqui da modernidade projectada em termos teóricos pelos ideais das Luzes, que ergueram a razão, a ilustração, a liberdade, a ordem, o estado e o progresso como os valores da nova era que se adivinhava tão prometedora para a humanidade. Todavia, acreditar no progresso e nas grandes narrativas



12_EMD-2_blackout_nyc

tornou-se perigoso e perdeu força com todo o século XX, negro e distorcido, que mostrou que a humanidade não caminharia, talvez, para um estado final de felicidade.

²³ Qual cidade invisível que Marco Pólo tenha narrado ao Kublai Khan.

²⁴ É, de facto, impossível saber quem vai ter oportunidade, e/ou quando, de entrar nessa específica composição.

²⁵ Cf. MELA, Alfredo (1996). 'A sociologia das cidades' (1999), 144.

²⁶ MELA, Alfredo (1996). 'A sociologia das cidades' (1999), 209.

²⁷ DRUCKER, Peter F. (1993). 'Sociedade pós-capitalista' (1993), 206.

²⁸ Cf. DRUCKER, Peter F. (1993). 'Sociedade pós-capitalista' (1993).

²⁹ Para aprofundar este assunto, sugerimos 'As consequências da modernidade' (1998), de Anthony Giddens.

³⁰ "O termo tem origem na palavra hindu 'Jaggannath', [...] um dos nomes de Krishna. Uma imagem desta divindade era levada todos os anos pelas ruas num enorme carro, sob o qual se diz que os crentes se lançavam, sendo esmagados pelas suas rodas", pondo a vida nas mãos desse ente superior e incontrolável. GIDDENS, Anthony (1990). 'As consequências da modernidade' (1998), 97.

³¹ Idem, 98.

³² Curiosamente, a mancha urbana de cerca de 800 Km de comprimento que Jean Gottman estudou e identificou como a Megalopolis, ainda nos 1960s.